

G. Q. Giudice

The background of the cover is a grayscale photograph of a couple in silhouette, embracing in a cathedral. The woman is on the left, wearing a dark dress with a ruffled collar. The man is on the right, wearing a dark suit and a top hat. The cathedral's architecture, including its vaulted ceiling and columns, is visible in the background.

Os Cristais de  
**MUNIQUE**

 VISEU

**Editor**

Thiago Regina

**Projeto Gráfico e Editorial**

Rodrigo Rodrigues

**Revisão**

Tuany Teixeira da Silva

**Copidesque**

Jade Coelho

**Capa**

Tiago Shima

Copyright © Viseu

Todos os direitos desta edição são reservados à Editora Viseu

Avenida Duque de Caxias, 882 - Cj 1007

Telefone: 44 - 3305-9010

e-mail: contato@editoraviseu.com.br

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Giudice, G. Q.

Os cristais de Munique / G. Q. Giudice – 1ª ed. – Maringá : Viseu, 2018.

ISBN 978-85-5454-580-2

1. Romance 2. Literatura brasileira

I. Giudice, G. Q. II. Título.

82-3

CDD-869.93

---

**Índice para catálogos sistemáticos:**

1. Romance : Literatura brasileira B869

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem a permissão expressa da Editora Viseu, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19.2.98).

# I

Os flocos de neve se intensificavam lá fora. No segundo andar do meu quarto, sentada em minha penteadeira lindamente ornada em tons dourados e arte rocambolucas, podia ver a paisagem serena que se quedava com o cair da tarde. Anoitecia muito cedo no inverno rigoroso de Munique.

Penteava tranquilamente os meus cabelos fazendo com que os cachos dourados caíssem em cascatas de anéis brilhantes sob o reflexo do entardecer. Minha mente só focava nos ruídos abafados vindos de fora do meu quarto. No farfalhar das saias das empregadas, agitadas, provavelmente trazendo consigo os vários modelitos de vestidos, para apresentar a minha irmã Tine.

Éramos três irmãos: Peter Jakob, o mais velho, já contava com seus vinte e um anos de idade, Valentine tinha dezenove anos e eu, a caçula, Anna Elizabeth, então com dezesseis anos de idade. Criados em uma família de classe média alta, onde o patriarca possuía importante emprego na área administrativa e contábil de uma fábrica de artefatos bélicos de propriedade do governo central.

Meus pais, Gustav e Margareta, eram exigentes na nossa criação, com muita moral e bons costumes e certa austeridade, porém eles traziam consigo uma ternura que diferenciava de vários pais de amigas minhas. Descendíamos de judeus poloneses por parte de pai, apesar de não professarmos a fé judaica dos meus avós paternos. Minha mãe adotava uma criação baseada na religião católica e seus preceitos dogmáticos.

Tínhamos uma vida confortável morando em uma casa bastante elegante na cidade de Munique, na Baviera, onde meu pai era o mantenedor da casa e a minha mãe, uma matriarca do melhor estilo da época. Sempre ciosa com os afazeres dos empregados, ao todo seis, contando com o jardineiro e o motorista, as demandas da casa e os cuidados minuciosos com o esposo amado e os queridos filhos.

Àquela altura, fui despertada dos meus pensamentos com o som da porta do meu quarto sendo aberta. Logo atrás vinha aquele sorriso maroto da minha irmã Tine. Era assim que eu carinhosamente chamava a Valentine sob os olhares de reprovação da mamãe, que detestava apelidos.

Tine invadiu meu quarto saltitante. Irradiava alegria, especialmente naquele início de noite. Iria acompanhar o papai e meu irmão Peter à casa do general Von Wolfgang, onde teria um baile, dos muitos que ele oferecia aos seus amigos.

Aquele seria um baile especial, com direito a muita música, queima de fogos de artifício nos jardins e toda a elite da sociedade de Munique convidada a participar. Aquela festa seria para comemorar a volta do único filho do eminente general e sua esposa, que retornava formado como oficial da Wehrmacht. O rapaz, pelo que soube havia completado seus estudos com todas as honras merecidas pelo desempenho brilhante. Reconhecido por seus superiores pelo destemor e grande habilidade em estratégias militares, principalmente, por ser laureado como o melhor atirador dos últimos tempos, na Academia. Sendo cogitado pelos seus superiores a competir oficialmente pela Alemanha nas Olimpíadas vindouras.

Tine se postou a minha frente com um olhar enigmático me observando atentamente. Despertei dos meus pensamentos para interrogá-la quanto àquela visita inesperada. Já que todos os convivas estavam em fase final de arrumação para irem ao baile. Eu e mamãe ficaríamos em casa. Mamãe não se sentia muito bem, sempre sofria com as vias aéreas respiratórias, que a deixava de cama devido à asma. E eu, bem, eu não tinha idade suficiente para acompanhar a família nessas atividades de adulto, segundo o papai falava sob os meus veementes protestos.

Tine continuou me olhando enigmaticamente, depois tomou minhas mãos entre as suas e fez um gesto para me levantar da bancada. Assim o fiz, com ar interrogativo em meus olhos.

Sorrindo, ela disse em tom baixo escolhendo cada palavra:

— Irmãzinha, tenho uma boa notícia para você. Creio eu!

Respondi meio sem paciência para as brincadeiras dela:

— Sei. Vai me oferecer algum afazer para este final de noite melancólico?

Comentei meio impaciente ao vê-la em trajes que, magnificamente, tor-

neavam seu corpo bem feito. O vestido tinha uma cor rosa bem seco, adornado por bordados florais em pequeninas e bem sutis pedrarias.

Ela piscou o olho e se afastou de mim dando meia volta em direção à porta do quarto:

— Pensei que gostaria de saber que o papai permitiu a sua ida ao baile de recepção do primeiro tenente Nikolas Georg Von Wolfgang.

Deu uma olhadinha marota para trás, fingindo me deixar sozinha e atordoada naquele quarto enorme.

Não me contive ao ouvir a notícia alvissareira. Dei um grito que foi logo abafado pelas mãos de Tine que sorria sem parar ao cruzar a distância entre nós. O local já começava a se iluminar pelas chamas incandescentes da lareira acesa para aplacar o frio da época.

— Tine não posso acreditar nisso! Você não estaria brincando com meus sentimentos a este ponto? – questionei assustada.

Ela balançou a cabeça com veemência e, entre o sorriso mais lindo que já pude perceber em seu rosto, repetiu calmamente:

— Juro que não brincaria com você desse modo. O papai me pediu para auxiliá-la na escolha do vestido que irá usar no seu primeiro baile.

Tomou minhas mãos novamente entre as suas e continuou:

— Ele acha que você já tem idade para nos acompanhar em tão importante comemoração. Afinal de contas, não são todos os dias que se recebe o filho prodígio do general Von Wolfgang e que recebemos um convite tão honroso.

Deu uma piscadinha e disse:

— Se você ficar me questionando mais um segundo, ficará para trás. Papai deverá sair daqui a uma hora.

Dei um salto nas pontas dos pés. Meu coração parecia que saíria pela boca. A pulsação estava a mil por hora. Não acreditava que iria ao meu primeiro baile. O que esperar da queima de fogos, das roupas elegantes, das músicas tocadas com esmero, das luzes, dos salões. Meu Deus! Um mundo novo se abriria em frente aos meus olhos.

Aquele fim de tarde, que parecia mais um monótono, lento e frio entardecer, tornara-se de repente uma noite promissora e memorável, cheia de

emoções novas a serem experimentadas, internalizadas por uma garotinha de dezesseis anos de idade, com olhos cheios de sonhos, emoldurados em uma tez muito branca que se encontrava ruborizada pela excitação da inusitada notícia.

Hilda, nossa camareira, adentrou o ambiente acendendo as luzes e trazendo mais vida ainda àquele ambiente tão delicadamente decorado. Vi que a querida Hilda trazia em seus braços um lindíssimo vestido, em tom pastel. Quando ela o estendeu a minha frente, quase desmaiei. Era lindo! Tinha uma franja em pedrarias que ornava os contornos do pescoço e descia pelo busto até o início da cintura. As mangas possuíam um bordado refinado em tons de pastéis mais claros. Tine abriu uma caixa de veludo que continha brincos em safira simplesmente maravilhosos.

— Um presente do papai para seu debut!

Eu estava estática, só os olhos mexiam em direções mil. Era um mundo de escolhas, presentes, vozes ao meu redor. Tudo tão novo e tão excitante.

Tine tornou a me tirar do transe:

— Anna! Vamos logo! Tem que se apressar, ou ficará para trás. Não teste a paciência do papai!

Assim foi! Não sabia quem me tocava de um ou do outro lado. Tine penteava delicadamente meus cabelos, prendendo-os em um coque meio frouxo. Puxando fios dos meus cachos dourados para fora do penteado, preso com esmero por lindos adornos de pedrarias.

Quando terminaram de me vestir, Hilda veio com um delicioso perfume em um frasco cintilante e o borrifou suavemente atrás das minhas orelhas, no colo e ao longe, nos meus cabelos. Tine tomou o frasco da mão de Hilda, deu mais uma borrifada para o vazio e me puxou para que atravessasse a névoa doce que caía pelo quarto.

Em instantes, ouvimos batidas delicadas na porta do quarto. Era meu irmão Peter, elegantemente vestido em seu fraque, cabelos castanhos claros emolduravam o rosto bem-apeado. Um sorriso muito alvo naquela fisionomia amada nos foi brindado à porta do quarto.

— Vamos, minhas lindas princesas? É hora de partirmos – disse Peter, com olhar de grande aprovação para mim e para Tine.

— Vocês vão ofuscar todas as donzelas do baile. Nossa! A minha Anna

foi capturada por alguma fada? Quem é esta linda jovem ao seu lado, Tine?

Rimos juntos:

— Não reconhece mais sua irmãzinha, Peter? – respondi, antes que Valentine o fizesse.

Ela falou fingindo uma voz meio chorosa:

— Acho que fiquei destronada por esta mocinha linda!

Rimos alto e nos abraçamos. Saímos do quarto fazendo brincadeiras um com o outro, como era de costume.

Ao pé da escada estava papai elegantemente vestido. Seus cabelos grisalhos, iluminados pela luz difusa do ambiente. Segurando sua bengala de um lado e seu chapéu do outro, ele nos olhou com ar de grande aprovação.

Descemos calmamente em direção a ele, que estendeu sua mão para mim, enquanto Peter dava o braço a Valentine.

— Minhas filhas estão lindíssimas! Sua mãe pede desculpa por não vir vê-las. Encontra-se muito cansada, como vocês sabem.

Respondi de imediato:

— Ohh, papai! Não seria prudente que eu ficasse com ela?

Ele sorriu satisfeito em ver minha dedicação em detrimento da minha grande vontade de participar daquele baile.

— Claro que não, Anna! Sua mãe ficaria muito chateada se você perdesse seu debute. Foi ideia dela te levar. Além do mais, Hilda e Helga ficarão com ela.

Sorri mais aliviada. Nossas funcionárias eram mulheres maravilhosas, ternas. Nós as tínhamos como parte da família. Já trabalhavam conosco desde que eu nasci. A Hilda foi minha ama de leite. Quando nasci, a mamãe teve uma grande hemorragia e ficou acamada além do tempo necessário. Não podia amamentar por conta da anemia profunda que adquiriu no pós-parto.

Nessa época, Hilda tinha dado à luz ao seu filho Klaus. Como ela tinha leite em excesso, com a permissão do papai e da mamãe, ela começou a me amamentar, pois eu era um bebezinho muito franzino em detrimento dos acontecimentos.

Papai sempre tratou seus funcionários, tanto os da fábrica como os de

casa, muito bem. A remuneração dos nossos trabalhadores sempre foi muito acima da média dos outros empregados. Além do mais, ele sempre se preocupou com o bem-estar deles. Certa feita ele presenteou Hilda com uma pequena casa nos arredores de Munique. Ela e seu esposo, que trabalhava como nosso motorista, caíram em prantos quando receberam as chaves. Depois, o papai presenteou a Helga e seu esposo, nosso jardineiro, com outra casa, próxima à Hilda.